

Resenha

CASANOVA, Pablo Gonzalez. *As Novas Ciências e as humanidades: da academia à política*. Editora Boitempo, São Paulo. 2006. Pg. 335

Dauto da Silveira¹

No atual estágio de desenvolvimento do modo de produção capitalista, as reflexões acerca das apreensões de como os homens produzem as suas existências, do grau de complexidade das forças produtivas e do nível de intercâmbio, necessitam de um rigor crítico e de um fino instrumental analítico para não se repetirem os equívocos históricos. No singular livro de Pablo Gonzalez Casanova, esta tentativa parece premente, indispensável, mormente quando compara o atual momento da sociedade moderna às grandes transformações que conformaram o sistema mundo moderno-colonial desde 1942: o Renascimento e o Iluminismo.

Hoje, estamos diante de uma Revolução científica – com a cibernética, a epistemologia genética, os sistemas auto-regulados, os sistemas adaptativos, os sistemas autopoieticos, as ciências da organização, do caos determinista, dos atratores e dos fractais – que lança o desafio à academia e ao pensamento crítico, alternativo, exigindo o desenvolvimento de uma bagagem teórico-metodológica adequada ao grau de complexidade que a realidade atual comporta. “Um desafio como este não poderia ser enfrentado sem ousadia intelectual e política, haja vista as profundas implicações dessa revolução científica com os novos sistemas de dominação, de mediação e de repressão por parte das classes e dos complexos dominantes” (PORTO-GONÇALVEZ, 2006, s/p).

¹ Mestrando em Sociologia Política PPGSP/UFSC, Bacharel e Licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Catarina. Email: dautojs@yahoo.com.br.

Já no primeiro parágrafo apresenta o matiz do livro:

O livro pretende romper tabus do próprio pensamento crítico alternativo. Insere-se tanto nos sistemas complexos dissipativos quanto nos sistemas complexos auto-regulados e nas tecnociências do conhecimento e da informação, hegemônicos, numa dialética que em grande medida as forças dominantes redefinem” (CASANOVA, 2006, pg.10).

O espírito central, não obstante o seu recurso histórico, é definir a Revolução Científica como um colossal impacto na divisão e articulação do trabalho intelectual, das humanidades, das ciências, dos técnicos e das artes. Ou seja, “obriga a redeterminar, neste início do século XXI, uma nova cultura e novas formas de cultura especializadas com interseções e campos limitados, que rompem as fronteiras tradicionais do sistema educativo e da pesquisa científica e humanística” (CASANOVA, 2006a).

Casanova, para quem o pensamento crítico deve apropriar-se das tecnociências e das novas ciências, conforma o seu livro em cinco capítulos: a) Interdisciplina e Complexidade, b) Complexidade e Contradições, c) A Dialética do Complexo, d) As Novas Ciências e a Política das Alternativas e, e) “O Curso das Ciências”. No primeiro capítulo, centraliza sua reflexão em torno dos vínculos efetivos que a interdisciplina propicia às humanidades e às ciências. O uso consciente da interdisciplina, como relação inseparável entre várias disciplinas, “delineiam assim grandes desafios à reestruturação da cultura geral e da especialização”.

Adentrando no livro, vê-se o caminho que a interdisciplina trava, em outras palavras, a Revolução Científica acelera o processo de fragmentação disciplinar: surgem novas “disciplinas” em praticamente todas as especialidades; a divisão intelectual permitiu que o conhecimento científico crescesse como nunca na história, mas a proliferação das disciplinas gerou problemas de comunicação entre diferentes especialistas. “A separação disciplinar, em meio a suas virtudes, além de provocar

problemas de incomunicação, chegou a afetar o conhecimento profundo da própria realidade que pretendia compreender e mudar. Escondeu “causas”, calou “efeitos”, suplantou “fins” (CASANOVA, 2006b).

Segue sua análise acerca da “Interdisciplina e Complexidade” discutindo os apoios e as resistências que recebe a interdisciplina na sociedade moderna. A interdisciplina está atrelada à tecnociência e obtém, pelo menos desde a Segunda Guerra mundial, o máximo de apoio do complexo político empresarial militar-industrial. Nesta perspectiva, ela passou a ser aplicada aos estudos sobre “sistemas auto-regulados em que a interseção ou a integração de conhecimentos provenientes de distintas disciplinas é constante”. Passou a ser um instrumento usado pelos países dominantes a serviço da manutenção do *establishment* científico e dos tecnocratas, megaempresários, pesquisadores de ponta, gerentes-políticos e administradores tecnocientíficos que dão maior apoio ao grassar da interdisciplina e das tecnociências.

No terreno das resistências às interdisciplinas aparece o corporativismo, ou seja, a defesa inequívoca dos profissionais egressos de uma mesma disciplina: resguardam a competência das suas disciplinas acreditando que o limite disciplinar contribui para o conhecimento especializado.

No segundo capítulo, aborda sobre a complexidade e contradição do conhecimento:

... a complexidade organizada provoca novas funções e novas contradições nas relações de trabalho, nas relações coloniais, assim como nas mediações mercantis, sociais, políticas e culturais. As mudanças profundas que ocorrem no desenvolvimento tecnocientífico desde meados do século XX afetam, reestruturam e contextualizam não só as relações de produção, mas também as relações de dominação de

trabalhadores e de povos, assim como as relações de repressão e de mediação (CASANOVA, 2006c).

A mudança científica, de meados do século XX, tem sido um elemento de discussão em todos os campos sobre a sua validade e vitalidade. O pensamento marxista, segundo o autor, encontra dificuldade em atualizar a velha opção de “socialismo ou barbárie”, de socialismo ou ecocídio: apresenta obstáculos à aceitação e à apreensão desta transformação; não compreende que estes avanços podem ser absorvidos pelo pensamento alternativo e crítico. Casanova propõe um programa de pesquisa-ação onde a edificação de um novo sentido comum da criação histórica, de ação cívica e política é tarefa primordial do pensamento crítico.

Os sistemas complexos adaptativos nutrem-se do trabalho tecnocientífico que “estuda e constrói sistemas complexos, adaptativos e auto-regulados para operar em contextos dinâmicos e históricos cujas contradições e desequilíbrios devem reestruturar para vencer e sobreviver e avançar (CASANOVA, 2006d)”.

Conclui o segundo capítulo observando que a autonomia do pensar-fazer contribui para esclarecer a força e limitações dos sistemas complexos. Atribui à autonomia, à organização e ao possível os conceitos-chave para apreender todas as armas da ciência da complexidade. A luta para a construção de uma sociedade mundial mais justa, democrática e para todos passa, indubitavelmente, pela correção de alguns pressupostos do pensamento alternativo. Para além desta, a solução será obra da humanidade e dos mais diversos agrupamentos que a integram, inclusive líderes do pensamento dominante e seus cientistas e humanistas, observa Casanova.

O livro ganha um sentido especial quando o autor aborda a dialética do complexo, ou seja, a organização que controla as contradições para conservar, melhorar e fortalecer o sistema dominante. As contradições e a dialética dos sistemas complexos constroem-se em torno do embate entre o pensamento crítico, alternativo e o

pensamento dominante com o seu controle das tecnociências. Os distintos pontos de partida sobre o mesmo fenômeno social: modo de produção capitalista e a sua superação ou a construção de uma sociedade científica no seio das contradições e da dialética definem a dialética do complexo. A permanente contradição entre o pensamento conservador, com suas táticas e estratégias para a manutenção da reprodução capitalista e o pensamento crítico, alternativo, se fortalece com o desenvolvimento da sociedade moderna e com a possibilidade real, histórica de transformação.

Nesta perspectiva histórica, onde a dialética tem um papel imprescindível na definição do “vir a ser” ou da sociedade do futuro, o livro apresenta como um dos grandes desafios: a interpenetração e a apropriação do pensamento crítico de toda base produtiva social e de um sólido nível de intercâmbio entre os homens atuais.

A alternativa tem de se colocar como um sistema emergente que, em suas atividades gerais e específicas, está mostrando a articulação de velhos e novos movimentos, de velhas organizações e de organizações emergentes, de partidos, uniões e redes, todos com heranças de um pensar-fazer em que o pensamento crítico marxista e pós-marxista (no nome na ação) contém uma herança conceitual e de experiências históricas que é inesquecível e que se deve recordar, criticar, articular, enriquecer, radicalizar, atualizar (CASANOVA, 2006e).

Neste momento do livro, a discussão é acerca da questão do imenso grau de riqueza e cultura existente, que a sociedade moderna alcançou em contradição com uma grande massa destituída de propriedade, ou seja, enquanto uma pequena minoria da população apropria-se de uma vasta riqueza material, a grande maioria da população fica submetida às mais ínfimas condições de vida, alargando cada vez mais a desigualdade entre classes. Algo que é constatado por Aued: “a marca de nosso tempo é

a impossibilidade de os homens em geral, assalariados e capitalistas, reproduzirem-se sob o manto do salário e do lucro, como foram outrora².”

No penúltimo capítulo, fala sobre o significado das Novas Ciências:

É bem sabido que as “novas ciências” (uma parte das quais conhecida como tecnociências) surgiram de um vínculo muito forte que se deu na Segunda-Guerra mundial entre a academia e o complexo militar-industrial científico que Eisenhower criou para confrontar o perigo Nazista”. Os elementos das novas ciências já se haviam desenvolvido na academia, mas receberam um impulso extraordinário com o projeto que Eisenhower lançara e que se integrou não só a uma rede da qual participaram as universidades e os universitários do “Mundo Ocidental”, mas também a centros de pesquisa diretamente vinculados ao Pentágono (CASANOVA, 2006f).

Resulta que o sistema dominante apropria-se de todo o potencial das novas ciências para provocar rebeliões oligárquicas ou burocráticas como dos “xeques do petróleo” dos anos 1970 e também atribui os seus recursos para acelerar outras correlações de dominação, apropriação e exploração.

O triunfo global do capitalismo é em grande medida atribuível ao desenvolvimento das tecnociências e das ciências da complexidade. Ambas permitiram às classes dominantes uma nova forma de Império Mundial e de colônias regionais e empresariais conhecidos como “neoliberalismo”, como “globalização” e como “neocolonialismo” ou pós-colonialismo (CASANOVA, 2006g).

Finaliza o livro fazendo um desdobramento histórico do “Curso das Ciências”. Diz que o edifício das ciências começa com a filosofia grega, com suas formas abstratas, passa pela Idade Média com suas invocações à Bíblia e ao aristotelismo e enriquece com os prolegômenos de um espaço de tolerância. No período moderno, a ciência ganha “status” e se consolida como espaço laico do conhecimento e da política.

2 AUED. Idaleto Malvezzi. In: Alienação, divisão do trabalho e manufatura em Karl Marx: ou de como libertar o trabalhador do trabalho. Programa de Pós-graduação em Sociologia da UNESP – Araraquara, São Paulo, 01/12/2004.

“Os dois paradigmas hegemônicos das ciências do Ocidente são o que a mecânica tem como eixo, desde o século XVII, e o que se estrutura em torno das tecnociências e das ciências da complexidade, desde a segunda metade do século XX e princípios do século XXI (CASANOVA, 2006f)”. Este é o paradigma hegemônico dominado pela superioridade ocidental somado ao paradigma alternativo mais radical e profundo que vem do pensamento de Marx e Engels. Estes dois pensamentos dominantes travam uma batalha ou uma “guerra das ciências”, como indica o autor: “nesta guerra, o pensamento crítico tem maiores possibilidades de triunfo se redefinir a dialética com as tecnociências e com as ciências da complexidade, desde que isso fortaleça o pensar-fazer das relações contraditórias com a experiência crítica das classes, das nações, das cidadanias, e as organize como complexos e redes para alcançar objetivos. (CASANOVA, 2006h)”.

Portanto, neste tempo em que o homem não se reconhece como homem, o homem é o “homo economicus³” (KOSIK, 1983), as Ciências Sociais são convocadas a apreender a complexidade posta. Uma complexidade social que se descreve distinta, heterodoxa, isto é, os velhos elementos que faziam parte do universo de compreensão das Ciências Sociais apresentam-se decrépitos, não dão mais conta. Este livro desvela os escombros assentados sobre a sociedade burguesa, os misticismos e os dogmas que impedem o argucioso pensamento crítico.

³KOSIK, Karel. *A Dialética do Concreto*. Editora Paz e Terra. São Paulo. 1983